



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)**

**Variação linguística e preconceito: uma análise sobre a
manifestação de atitudes linguísticas na escola¹**

Maria Renira Gomes Barboza ²

Vitória Maria Albuquerque Silva³

RESUMO

A diversidade linguística do português brasileiro manifesta-se em múltiplas variedades que coexistem, mas nem sempre recebem o mesmo valor simbólico, sobretudo devido à supervalorização da norma-padrão, concebida como um modelo prescritivo e idealizado de língua, que não é falado por ninguém (Bago, 1999). Nesse cenário, interessa a esta pesquisa a análise das atitudes linguísticas, que são reações positivas ou negativas frente a manifestações linguísticas, sustentadas por crenças e percepções que circulam no grupo social. Com isso, o objetivo geral da pesquisa é analisar as atitudes dos estudantes em relação a variação linguística e as suas manifestações no ambiente social. Teoricamente, o trabalho está embasado em Sene (2018); Bortoni-Ricardo (2005; Bago (2007;2012). Para alcançar os objetivos propostos, elaborou-se e aplicou-se um questionário direcionado para alunos do ensino fundamental de uma escola localizada na zona rural de Caraúbas, Rio Grande do Norte. Os resultados mostram que a maioria dos participantes associa o “falar certo” às variedades de maior prestígio, especialmente aquelas vinculadas à mídia televisiva, aos professores e às pessoas que vivem em cidades maiores, além de declararem utilizar as formas que consideram “mais corretas”, desconsiderando e negando a utilização de outras que consideram “erradas”. Esses achados permitem concluir que as atitudes linguísticas dos estudantes reforçam valores sociais que hierarquizam as variedades do português e influenciam diretamente suas práticas de fala.

Palavras-chave: Atitudes Linguísticas; Preconceito Linguístico; Insegurança Linguística.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso defendido ao Curso de Graduação em Letras Português, no dia 19/12/2025, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras junto a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Discente do curso de Letras Português da Universidade Federal Rural do SemiÁrido - Campus Caraúbas

³ Docente do curso de Letras Português da Universidade Federal Rural do SemiÁrido - Campus Caraúbas, graduada em Letras Língua Portuguesa

ABSTRACT

The linguistic diversity of Brazilian Portuguese is expressed through multiple coexisting varieties that do not always receive the same symbolic value, largely due to the overvaluation of the standard norm, conceived as a prescriptive and idealized model of language that is not spoken by any actual speaker of the language (Bagno, 1999). In this context, the present study focuses on the analysis of linguistic attitudes, understood as positive or negative reactions to linguistic manifestations, shaped by beliefs and perceptions circulating within the social group. Accordingly, the general aim of the research is to analyze students' attitudes toward linguistic variation and its manifestations in the social environment. Theoretically, the study is grounded in Sene (2018), Bortoni-Ricardo (2005), and Bagno (2007; 2012). To achieve the proposed objectives, a questionnaire was designed and administered to elementary school students from a school located in the rural area of Caraúbas, in the state of Rio Grande do Norte. The results indicate that most participants associate "speaking correctly" with higher-prestige varieties, especially those linked to television media, teachers, and people living in larger cities. They also report using the forms they consider "more correct," disregarding and denying the use of others they perceive as "incorrect." These findings suggest that students' linguistic attitudes reinforce social values that hierarchize Portuguese varieties and directly influence their speech practices.

Keywords: Linguistic Attitudes; Linguistic Prejudice; Linguistic Insecurity.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade linguística é uma marca constitutiva da sociedade brasileira, pois reflete a complexidade histórica, regional e sociocultural de seus falantes. No entanto, no ambiente escolar, historicamente, tem-se promovido a supervalorização da norma-padrão da língua, que não é entendida como língua materna, nem dialeto, nem variedade natural da língua, mas como um modelo prescritivo e idealizado de uso linguístico (Bagno, 2012).

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que o domínio da norma-padrão possui valor social e pode ampliar as oportunidades de participação dos estudantes em diferentes esferas sociais. Contudo, esse aprendizado não deve ocorrer à custa da desvalorização das demais variedades que compõem o repertório dos falantes. Conforme Bagno (2001), ensinar a norma-padrão não significa impor um modelo único de correção, mas oferecer aos alunos uma ferramenta adicional de atuação social, já que todos os falantes devem se integrar de pleno direito na produção/condução/transformação da sociedade de que fazem parte.

Sendo assim, quando a prescrição normativa é tratada como superior, há deslegitimação de outras formas de expressão, especialmente, aquelas associadas

a grupos populares. Tal postura contribui para a reprodução do preconceito linguístico, impacta diretamente a formação identitária e gera inúmeras outras consequências, como a insegurança linguística. Este fenômeno, conforme Calvet (2004) ocorre quando o falante passa a considerar a própria variedade inadequada ou inferior diante da norma escolar, o que pode levar muitos estudantes a monitorar rigidamente a própria fala, evitar interações por receio de julgamento e também relacionar a sua variedade à forma padrão por julgar ser a maneira “mais certa” de falar.

É nesse ponto que as atitudes linguísticas emergem como um elemento central para compreender o contexto escolar, pois elas decorrem precisamente dos processos de crenças e avaliações que são formadas ao longo da trajetória dos sujeitos. Segundo Freitag *et al.* (2016), o falante está em constante processo de avaliação da língua, seja de forma consciente ou não. Em um ambiente diversificado, embora diferentes formas linguísticas compartilhem o mesmo valor representacional, elas podem ser socialmente avaliadas de modo desigual. Essas valorações refletem pressões sociais que operam sobre a língua de forma contínua e atual.

É nesse contexto que se torna fundamental refletir sobre as crenças e atitudes linguísticas presentes no espaço educativo, sobretudo, sobre os processos de avaliação que os alunos realizam diante das diferentes formas de expressão que circulam na escola. As atitudes linguísticas constituem um campo de estudo que busca compreender as percepções e julgamento dos falantes em relação às variedades da língua. Essas atitudes refletem valores sociais, culturais e ideológicos, podendo reforçar preconceitos linguísticos.

O presente estudo busca compreender as atitudes linguísticas dos estudantes do ensino fundamental diante da variação linguística observada no ambiente escolar, com atenção especial às manifestações de valorização ou preconceito. A partir desse recorte, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que modo os estudantes avaliam as formas de expressão presentes no ambiente escolar, e como tais avaliações refletem (ou não) atitudes de valorização, preconceito ou insegurança linguística?

O objetivo geral é analisar as atitudes dos estudantes em relação a variação linguística e as suas manifestações no contexto escolar, considerando possíveis formas de valorização ou preconceito. Em relação aos específicos, elaborou-se os

seguintes: compreender como os próprios estudantes entendem e justificam suas percepções sobre o falar “certo”, “errado” e quais sentidos atribuem a essas categorias; identificar quais formas de expressão linguística são valorizadas ou estigmatizadas pelos estudantes no ambiente escolar e verificar se a avaliação que os alunos fazem sobre a língua manifestam, de alguma maneira, insegurança linguística.

A investigação foi desenvolvida em uma escola pública localizada na zona rural da cidade de Caraúbas/RN, situada no interior do estado do Rio Grande do Norte. Este trabalho organiza-se da seguinte maneira: além desta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica, abordando conceitos relativos à variação linguística, atitudes e insegurança linguística. Posteriormente, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e análise dos dados. Na sequência, são expostos os resultados e a discussão. Por último, apresentam-se as conclusões, destacando as implicações do estudo para o ambiente escolar e para o enfrentamento do preconceito linguístico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, será apresentada a base teórica que sustenta esta pesquisa. A proposta é reunir e apresentar os conceitos e autores que ajudam a compreender melhor o tema em questão, buscando demonstrar como essas ideias dialogam entre si e com os objetivos desta investigação.

2.1 Variação linguística e a formação de preconceitos

Os estudos acerca da relação língua-sociedade ganham notoriedade com a Sociolinguística - disciplina que possui, como maior vertente, a Sociolinguística Variacionista, encabeçada por Labov. De acordo com a Sociolinguística, a língua é um sistema de regras, sendo que algumas regras são categóricas e outras são variáveis. Com isso, compreende-se que a língua não pode ser analisada de maneira autônoma em relação à sociedade. Ao contrário, parte-se do pressuposto de que toda língua natural é intrinsecamente heterogênea e, por isso, possui ampla variação.

Coelho *et al* (2023, p.13) afirmam que a variação é influenciada por fatores externos e internos. Segundo os autores, a Sociolinguística “se ocupa desses fatores, da pressão que eles exercem sobre a língua que falamos e da maneira como as pessoas percebem e avaliam a língua”. Essa variação se concretiza na existência de múltiplas variedades linguísticas, que correspondem aos diferentes modos de falar associados a grupos sociais, regiões geográficas, gerações, níveis de escolaridade e contextos de uso. No interior dessas variedades, identificam-se ainda as variáveis linguísticas, pontos do sistema em que há alternância possível entre formas - as variantes - que expressam o mesmo conteúdo referencial, ainda que não recebam o mesmo valor social.

Em um país com dimensões continentais, como o Brasil, existem inúmeras variedades linguísticas e intenso processo de variação. As variantes existentes são muitas e todas válidas, embora nem todas recebam o mesmo reconhecimento na sociedade. De acordo com Bagno (2007), a ideia de que existe apenas uma forma correta de falar português é uma visão elitista e excludente, que desconsidera a riqueza da diversidade linguística presente no país.

O preconceito contra a maneira de falar é uma forma de discriminação que afeta as pessoas com base na sua forma de se comunicar. Ele manifesta-se em diferentes ambientes sociais, inclusive na escola, onde a fala dos estudantes muitas vezes é desvalorizada por não seguir a norma-padrão. Como aponta Bortoni-Ricardo (2005, p. 21), “o preconceito linguístico reflete preconceitos sociais mais amplos, pois costuma afetar principalmente comunidades que têm uma história de marginalização”.

De acordo com Bagno (s.d)

O termo preconceito designa uma atitude prévia que assumimos diante de uma pessoa ou de um grupo social [...] Assim como uma pessoa pode sofrer preconceito por ser mulher, pobre, negra, indígena, homossexual, nordestina, deficiente física, estrangeira etc., também pode receber avaliações negativas por causa da língua que fala ou do modo como fala sua língua. O preconceito linguístico resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e nos dicionários e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si.

Essa temática é uma preocupação constante nas discussões teóricas e nos documentos norteadores, como Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que

destaca a importância de reconhecer e valorizar a diversidade na linguagem, conforme destaca que as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão, assim como o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas.

A BNCC reforça que o ensino de língua portuguesa deve levar em conta as diferentes formas de falar que existem por todo o Brasil. Essa orientação sugere uma abordagem pedagógica mais inclusiva, que seja variações linguísticas como expressões legítimas e culturais das pessoas, e não como erros que precisam ser corrigidos. Assim, o papel da escola vai além de corrigir os erros na fala ou na escrita; ela também deve estimular uma consciência crítica sobre as diferentes formas de comunicação e os mecanismos de exclusão social que podem estar presentes na linguagem. Por isso, valorizar a diversidade linguística na escola é um passo para construir uma educação mais justa, acolhedora e sensível às diferenças.

Este tópico foi destinado ao tratamento introdutório da Sociolinguística, da variação e da formação de preconceitos, destacando a importância do tratamento da norma padrão e enfatizando a problemática da supervalorização dela. No próximo tópico, serão apresentados pontos importantes acerca das atitudes linguísticas.

2.1 Atitudes Linguísticas

A discussão sobre atitudes linguísticas encontra sua origem nos estudos da Psicologia Social, especialmente, a partir da consolidação do conceito de “atitude” como constructo teórico capaz de explicar comportamentos, crenças e avaliações sociais. Segundo Sene (2018), nas primeiras décadas do século XX, a Psicologia Social buscava criar instrumentos que pudessem mensurar predisposições avaliativas dos indivíduos diante de objetos, grupos ou fenômenos sociais. Esse campo ganhou maior sistematização nos anos 1950 e 1960, quando as atitudes passaram a ser compreendidas como estruturas mentais relativamente estáveis, formadas por componentes cognitivos, afetivos e comportamentais.

Nesse cenário, torna-se referência a definição formulada por Oppenheim (1966 *apud* Sene, 2018), que entende que as atitudes correspondem a julgamentos que agregam convicções, avaliações e uma orientação do sujeito diante de determinado objeto. Tal compreensão amplia o fenômeno para além da mera

opinião, evidenciando seu caráter socialmente construído e capaz de orientar comportamentos.

Nesse ponto, torna-se necessário diferenciar, ainda que de modo articulado, os conceitos de crença e atitude, dado que ambos estruturam as avaliações dos falantes. As crenças, nas palavras de Peirce (1887 *apud* Botassini, 2015), são ideias que se alojam na mente das pessoas, como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar. Por sua vez, as atitudes representam julgamentos avaliativos mais amplos, que mobilizam componentes cognitivos, afetivos e comportamentais, orientando o modo como os indivíduos reagem a fenômenos sociais, incluindo os usos linguísticos. Assim, como argumenta Botassini (2015), as atitudes não se formam de maneira isolada: elas se ancoram em crenças historicamente sedimentadas e, ao mesmo tempo, as atualizam na prática social, razão pela qual muitos estudos reconhecem o caráter imbricado desses dois constructos.

Conforme observa Sene (2018), os estudos acerca das atitudes emergem no seio da Psicologia Social e se expandem alcançando terreno fértil na Sociolinguística. A partir dos anos 1960, com a consolidação da Sociolinguística como campo científico, a noção de atitude passa a ser aplicada ao objeto linguístico: as variedades, os sotaques, as formas de dizer e seus falantes. Esse deslocamento introduz a dimensão social da língua no debate sobre preconceito, prestígio e legitimação de normas.

Nesse novo quadro epistemológico, Labov (1972) demonstra que uma comunidade de fala se caracteriza pela participação em um conjunto de normas compartilhadas, que se manifestam tanto nos padrões de uso quanto nos comportamentos avaliativos dos falantes. É nesses comportamentos que se evidenciam as atitudes linguísticas: reações positivas ou negativas frente a manifestações linguísticas, sustentadas por valores ideológicos que circulam no grupo social.

Pereira e Paim (2023), afirmam que os julgamentos sociais ante a língua são baseados em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social que servem de gatilho para as reações subjetivas dos falantes. No Brasil, esse fenômeno assume contornos particulares, pois a pressão da norma-padrão, aliada à estrutura profundamente desigual da sociedade brasileira, produz um cenário em que, como observa Bortoni-Ricardo (2005), os falantes das classes populares,

apesar de empregarem variantes não padrão com maior frequência, reconhecem e reproduzem os estigmas atribuídos a essas formas.

Esse reconhecimento evidencia a força das ideologias linguísticas hegemônicas e pode culminar em problemas complexos como o fenômeno da insegurança linguística, que opera como mecanismo de autocensura, apagamento identitário e subordinação cultural. Segundo Calvet (2004), esse aspecto pode ser observado quando o falante passa a considerar a própria variedade inadequada ou inferior diante da norma escolar. Ao internalizar a desvalorização de suas próprias formas de falar, muitos falantes buscam legitimação em variantes associadas a grupos considerados mais prestigiados. A consequência é uma relação assimétrica que limita o desenvolvimento das capacidades expressivas e reforça desigualdades sociais.

Essa problemática torna-se particularmente evidente no ambiente escolar, pois atitudes negativas dirigidas a variedades não padrão podem minar a autoestima dos estudantes, fragilizar seu engajamento e comprometer o aprendizado. Lucchesi (2009) sublinha que o ensino de língua deve reconhecer o caráter político e ideológico da norma-padrão, mas também valorizar as formas de expressão que representam as culturas e experiências dos alunos. Sendo assim, promover uma pedagogia sensível à diversidade linguística é, portanto, uma forma de combater o preconceito e de promover a inclusão.

No tópico seguinte, mostra-se, brevemente, os principais métodos de estudos utilizados para análise das atitudes linguísticas.

2.3 Protocolos de investigação das atitudes linguísticas

Com vistas a compreender e mensurar a manifestação de atitudes linguísticas, a Sociolinguística desenvolveu diferentes instrumentos metodológicos. De acordo com Freitag et al (2015), existem testes importantes que servem à investigação desse fenômeno, dentre os quais se destacam o *Self Report Test*; *Family Background Test* e *Matched Guise Test*.

O *Self-Report Test* consiste em o participante identificar variantes que considera mais próximas de seu próprio uso. Por ser baseado em autorrelato, tende a revelar atitudes conscientes e, muitas vezes, alinhadas ao prestígio social. De acordo com Freitag et al (2015), a expectativa é que os falantes vão ter predileção

por aquelas formas mais próximas às aquelas que consideram mais prestigiadas ou mais corretas.

O segundo é o *Family Background Test*, que examina a habilidade dos informantes em reconhecer diferentes variedades ou dialetos, fornecendo indícios de sensibilidade linguística e de percepção sociocultural das variedades. O terceiro é o *Matched Guise Test*, que é um procedimento destinado a captar avaliações implícitas. Nele, os participantes escutam gravações de enunciados produzidos por falantes que representam diferentes variedades linguísticas, mas sem terem acesso à identidade social desses falantes. Após a escuta, são convidados a atribuir julgamentos sobre qualidades pessoais, sociais ou linguísticas à voz ou ao modo de falar. Trata-se de um método concebido para captar atitudes implícitas, e permitindo observar preconceitos, estereótipos e hierarquizações simbólicas que nem sempre emergem em instrumentos de autorrelato.

O estudo de Silva e Aguilera (2014) está inserido nessa técnica, visto que os autores analisaram as atitudes linguísticas de falantes naturais de duas cidades do Paraná: Londrina, pertencente à região norte, e Pitanga, localizada no centro do estado. Estas duas localidades apresentam falares que se diferenciam por fenômenos fonéticos, um dos quais consiste na realização da vogal anterior átona final /e/ e suas variantes [i] e [e], identificadas como características dialetais: a vogal alteada para Londrina e a vogal média mantida para Pitanga. Os resultados obtidos por meio desse protocolo evidenciam avaliações atribuídas às variedades em questão. O falar de Londrina foi amplamente associado a atributos positivos, sendo percebido como mais agradável, prestigiado e socialmente valorizado. Em contraste, o falar de Pitanga recebeu avaliações predominantemente negativas, e esse padrão se manteve inclusive entre os próprios falantes pitanguenses, indicando a internalização de estigmas e hierarquias linguísticas.

Além desses protocolos experimentais, as pesquisas contemporâneas têm se valido de dados espontâneos para investigar atitudes linguísticas em contextos de interação real, especialmente no ambiente escolar e em situações didáticas. A abordagem aqui delineada insere-se nessa vertente, ao examinar julgamentos explícitos e implícitos produzidos pelos participantes e ao identificar, nesses julgamentos, indícios de valoração linguísticas que orientam suas percepções de prestígio, adequação e legitimidade, além disso, o questionário foi elaborado de

maneira a considerar, mesmo que de maneira não predominante, a técnica do *Self-Report Test*. O tópico seguinte apresenta a metodologia do trabalho.

3 METODOLOGIA

Esta seção dedica-se a apresentar a metodologia adotada neste estudo, de modo a garantir a coerência entre os objetivos da pesquisa e as estratégias de coleta e análise de dados. A seguir, descreve-se a caracterização da pesquisa; o corpus; o perfil dos participantes, assim como os procedimentos metodológicos adotados.

3.1 Caracterização da pesquisa

No que tange aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, cujo propósito consiste em investigar e analisar as atitudes dos estudantes em relação à diversidade linguística presente no contexto escolar, considerando tanto as manifestações de valorização quanto de preconceito linguístico.

Quanto aos procedimentos adotados, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, uma vez que a coleta de dados foi realizada diretamente no ambiente em que o fenômeno se manifesta, ou seja, na escola, por meio da aplicação de questionários aos alunos. Além disso, a pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, uma vez que busca compreender tanto os aspectos subjetivos quanto aqueles que podem ser quantificados do fenômeno em estudo, permitindo, assim, uma análise mais ampla e integrada das atitudes linguísticas dos indivíduos.

3.2 Sujeitos

A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição escolar pública, localizada na zona rural da cidade de Caraúbas/RN. A escola atende a uma média de 180 alunos por ano, exclusivamente, no ensino fundamental - anos iniciais e finais, nos turnos matutino e vespertino.

Os participantes desta pesquisa são 20 estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, com idades entre 13 e 18 anos, conforme apresentado no Quadro 1. Trata-se de um grupo em fase de consolidação de práticas linguísticas e de desenvolvimento de maior consciência normativa.

A seleção desse público baseia-se em dois critérios principais: primeiro, considera-se que esses alunos já tiveram contato mais amplo com diferentes usos da língua, tanto nas aulas de Português quanto nas interações comunicativas do cotidiano. Além disso, todos possuem trajetória escolar construída exclusivamente na zona rural, local onde também residem. Espera-se que esse contexto favoreça respostas mais espontâneas e menos marcadas pelo monitoramento consciente.

Quadro 1 - Identificação dos informantes

Aluno	Idade	Sexo	Aluno	Idade	Sexo
Aluno 1	14 anos	Feminino	Aluno 11	14 anos	Masculino
Aluno 2	15 anos	Masculino	Aluno 12	14 anos	Feminino
Aluno 3	17 anos	Masculino	Aluno 13	14 anos	Feminino
Aluno 4	16 anos	Feminino	Aluno 14	14 anos	Feminino
Aluno 5	15 anos	Feminino	Aluno 15	14 anos	Feminino
Aluno 6	15 anos	Feminino	Aluno 16	13 anos	Masculino
Aluno 7	14 anos	Feminino	Aluno 17	18 anos	Masculino
Aluno 8	14 anos	Masculino	Aluno 18	13 anos	Masculino
Aluno 9	15 anos	Feminino	Aluno 19	14 anos	Masculino
Aluno 10	16 anos	Masculino	Aluno 20	18 anos	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora

3.5 Procedimentos Metodológicos

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as atitudes dos estudantes em relação à variação linguística e às suas manifestações no contexto escolar, considerando as possíveis formas de valorização ou de preconceito associadas às práticas de linguagem. Este tópico descreve os procedimentos metodológicos organizados de modo a atender os objetivos específicos da pesquisa.

O corpus da pesquisa foi constituído pelas respostas a um questionário⁴ aplicado aos estudantes da escola. Esses questionários incluíram, no total, 29 questões objetivas e abertas referentes às atitudes linguísticas, às percepções sobre a norma culta e a linguagem popular, bem como às experiências relacionadas ao preconceito linguístico. Além das perguntas experimentais, que foram apresentadas no tópico dos resultados, o documento apresentava também questões distratoras para que os participantes não identificassem o teor da investigação. A utilização desse instrumento se justifica por possibilitar uma análise simultaneamente quantitativa e qualitativa do fenômeno investigado, em consonância com a abordagem adotada no estudo.

A aplicação dos questionários ocorreu em sala de aula, durante o turno regular, após autorização da gestão escolar e concordância dos participantes. Os estudantes responderam ao instrumento de forma individual, sem interferências. Após a coleta, os dados coletados foram organizados em planilhas para tratamento quantitativo, contemplando frequências e distribuições de respostas, e, no caso das questões abertas, foram submetidos a procedimentos de categorização temática, de modo a identificar padrões recorrentes nas percepções dos alunos.

A seguir, são explicitados os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico é dedicado à apresentação dos resultados da pesquisa. Conforme observado no último tópico, os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos para atender os objetivos da pesquisa e organizados em torno da aplicação de questionários para estudantes do ensino fundamental. As respostas coletadas forneceram subsídios para compreender as percepções e a exposição de atitudes dos estudantes sobre a língua e sobre o uso que fazem dela.

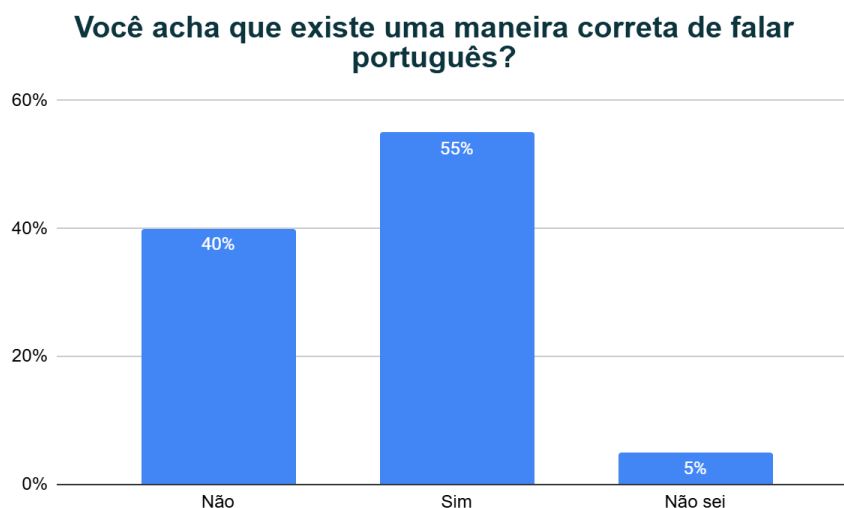
A princípio, as perguntas buscaram observar as noções “certo” e “errado” na língua portuguesa, investigando se os estudantes acreditam que existe uma única maneira correta de falar e quais justificativas eles apresentam. A partir do gráfico 1, é possível observar as respostas dadas pelos alunos: observa-se que 11 dos 20

⁴ Acesse o questionário no seguinte link:

https://docs.google.com/document/d/1YLp_FkTQU-T34SIBty8vSP_T2h340fsI2SG6veWtyqY/edit?usp=sharing

alunos entrevistados responderam que existe uma maneira certa de falar; enquanto 8 afirmam não existir maneira certa e 1 diz que não sabe.

Gráfico 1 - Resposta dos estudantes à questão 5: “você acha que existe uma maneira correta de falar português?”



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Após essa questão, os estudantes foram expostos à seguinte pergunta: “se você respondeu “sim”, porque você acha que existe uma maneira correta de falar português?”. Algumas das respostas obtidas estão expostas⁵ no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Resposta dos estudantes à questão 6: “Se você respondeu “sim”, por que acha que existe uma maneira correta de falar português?”

Aluno 5 - Sim, é melhor falar de maneira formal
Aluno 12 - Apesar de cada um falar de uma forma, existe uma maneira certa de falar
Aluno 14 - Da maneira que os professores ensinam
Aluno 19 - Sim, porque não podemos falar de qualquer forma

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Além dessas, foram feitas mais duas questões: I) “você acha que algumas pessoas falam corretamente e outras falam de maneira errada? se sim, quem são

⁵ Algumas respostas não estão categorizadas porque os alunos deixaram em branco, responderam “não sei”; “não sei dizer”; “não sei explicar” e variações

essas pessoas?; II) você acha que existe uma maneira mais bonita de se falar? Se sim, quem fala de maneira bonita? As respostas obtidas estão no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 - Resposta dos estudantes às questões 12 “você acha que algumas pessoas falam corretamente e outras falam de maneira errada? e 16 “você acha que existe uma maneira mais bonita de se falar? Se sim, quem fala de maneira bonita?”

Aluno 1 - Aqui no nordeste não falam o Português corretamente Aluno 3 - Sim, os professores falam bem porque eles estudam português Aluno 4 - Os professores falam de maneira mais bonita Aluno 5 - Quem fala de maneira formal [fala de maneira mais bonita] Aluno 7 - As pessoas que moram no RJ [falam de maneira mais bonita] Aluno 8 - As pessoas que moram no RJ em SP [falam de maneira mais bonita] Aluno 9 - Sim, as pessoas da cidade Aluno 10 - Sim, quem pratica mais a LP fala melhor Aluno 14- Minha professora [fala de maneira mais bonita] Aluno 17 - Os professores falam bem Aluno 18 - Pessoas que trabalham com educação falam melhor

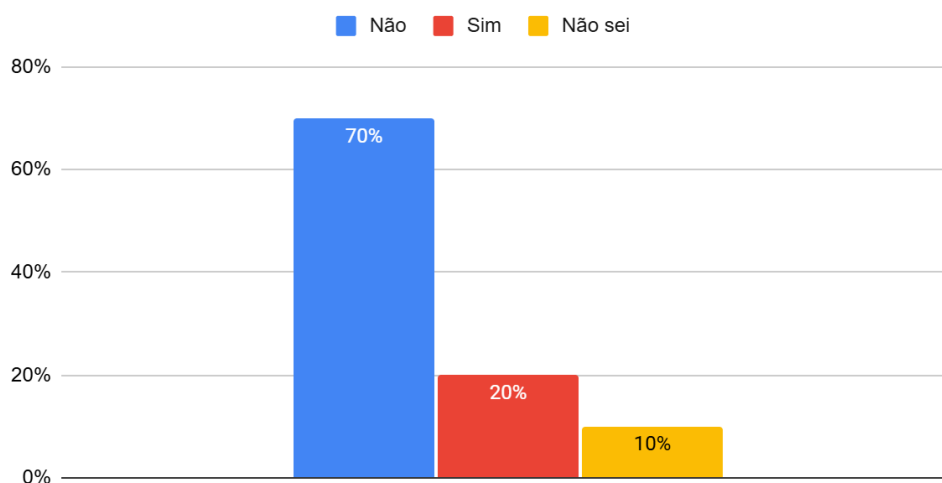
Fonte: elaborado pela autora (2025)

As respostas mostradas nos quadros 2 e 3 foram importantes porque, por meio delas, foi possível observar a associação feita pelos alunos entre o “certo” e o maior prestígio social, como pessoas que possuem escolaridade superior (professores) e pessoas que moram em grandes centros. Por outro lado, o “errado” foi associado a moradores do nordeste e pessoas com menor escolaridade. Esses dados ajudam a compreender como as reações dos indivíduos em relação à língua se articulam com questões sociais, como escolaridade e regionalidade.

Em seguida, questionou-se acerca da percepção que os alunos têm da variedade linguística existente. O gráfico 2 apresenta as respostas à questão que indaga se os alunos percebem diferença entre os falares dos colegas, TV, escola, entre outros. De modo geral, os participantes reconhecem que o “o português não é o mesmo”, evidenciando que percebem variação entre os diferentes falares com os quais convivem.

Gráfico 2 - Resposta dos estudantes à questão 27 “o Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo? Porque?”

O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo?

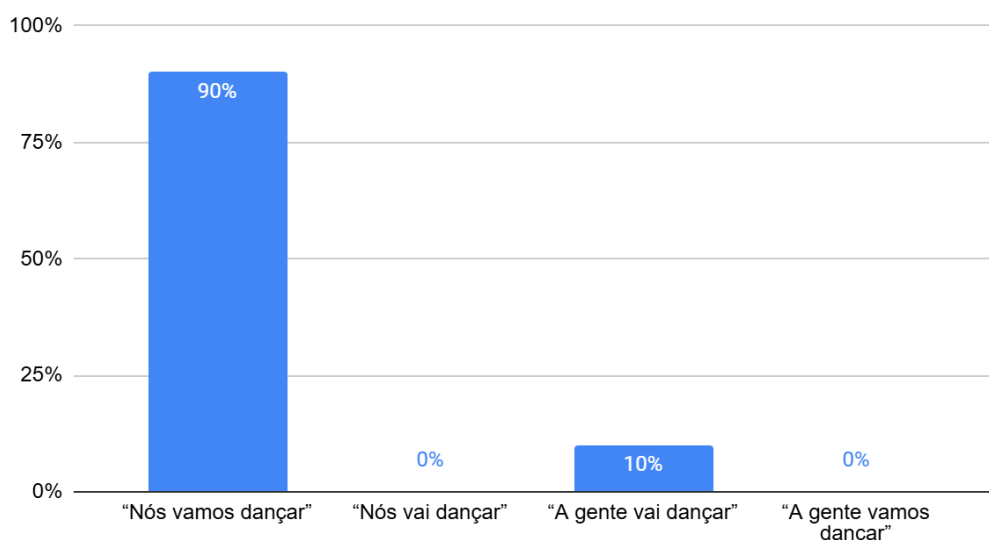


Fonte: elaborado pela autora (2025)

Quando questionados, na mesma questão, sobre as motivações para essa percepção, os estudantes justificam que, na televisão, “as pessoas falam de maneira formal”, mas nas interações cotidianas, “as pessoas falam informal”. Entre as respostas mais recorrentes, aparecem afirmações como “Não, porque na TV as pessoas falam formal e na escola falam informal” e “Não, na TV é formal”. Tais justificativas revelam que os alunos percebem a variação existente na língua, mas, novamente, associam modelos “formais”, “mais corretos” a variedades distantes deles próprios ou a modelos de maior prestígio, como a TV.

Para identificar quais variantes da língua os participantes consideram mais prestigiadas, foi incluída a pergunta: “Você considera alguma dessas frases “mais certa” que outra?”, seguida das opções: “Nós vamos dançar”, “Nós vai dançar”, “A gente vai dançar” e “A gente vamos dançar”. As respostas estão expostas no gráfico 3.

Gráfico 3 - Resposta da questão 18 “você considera alguma dessas frases “mais certa” que outra?” “Nós vamos dançar”; “Nós vai dançar”; “A gente vai dançar”; “A gente Vamos”

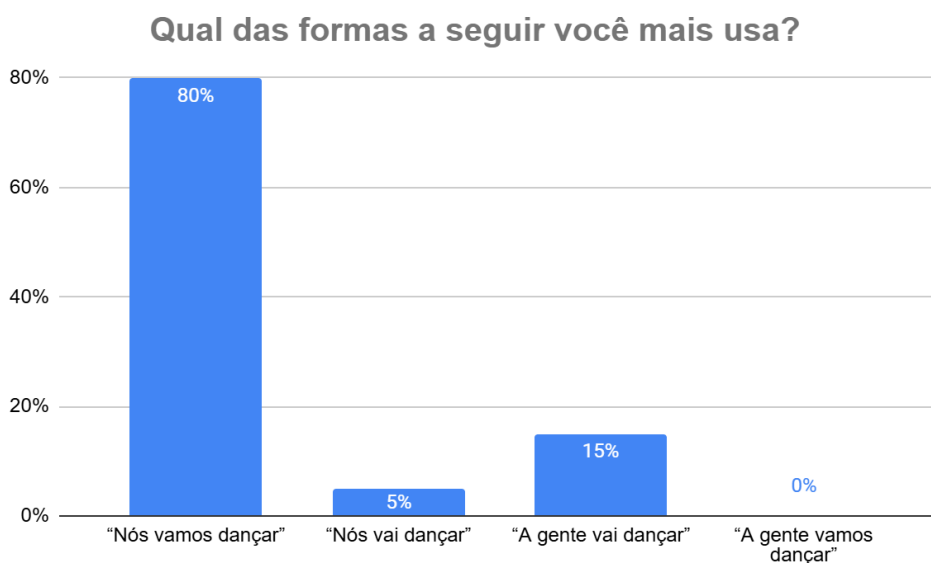


Fonte: elaborado pela autora (2025)

Nesse gráfico, mostra-se que 90% dos participantes consideram "Nós vamos dançar" como a forma mais correta, o que pode estar associado ao padrão estabelecido pela norma-padrão; 10% dos participantes apontam "A gente vai dançar" como correta, que é uma forma amplamente usada na fala cotidiana. Nenhum estudante considerou essas duas formas corretas: "nós vai dançar" ou "A gente vamos dançar" que são socialmente marcadas como erradas.

Em seguida, questionou-se acerca da utilização das formas: os resultados do gráfico 4 revelam que 80% dos estudantes afirmam utilizar "nós vamos dançar", forma que eles atribuíram ao padrão de correção; 15% declaram preferir "a gente vai dançar" e apenas 5% indicam usar "nós vai dançar", justificando a resposta com "errado, mas uso". Nenhum participante afirmou usar "a gente vamos dançar", forma igualmente avaliada como desviada das expectativas normativas.

Gráfico 4 - Resposta dos estudantes à questão 29 "das opções abaixo, qual das formas você mais usa? "Nós vamos dançar"; "Nós vai dançar"; "A gente vai dançar"; "A gente vamos dançar"



Fonte: elaborado pela autora (2025)

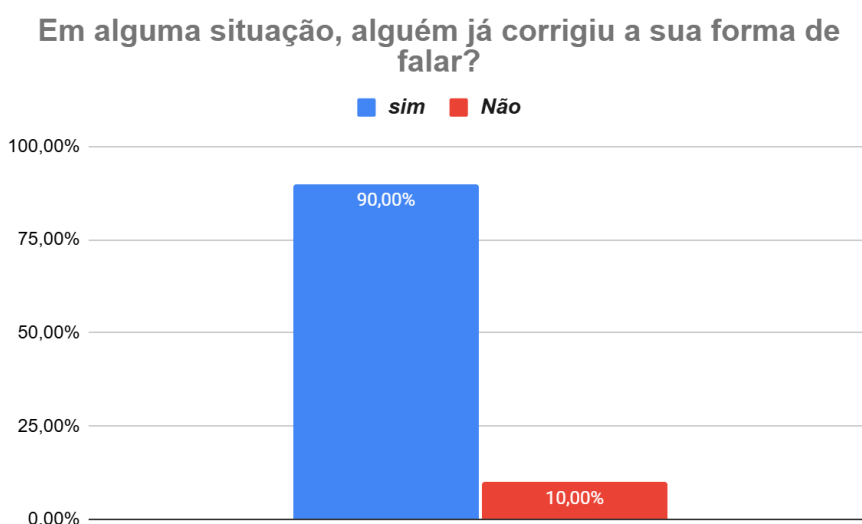
Esses dados podem revelar a exteriorização de atitudes dos estudantes, que reagem positivamente à forma considerada mais certa por ser a mais próxima ao padrão normativo; por outro lado, reagem negativamente a formas associadas a variedades estigmatizadas. Com isso, é possível afirmar que não há uma afirmação somente relacionada à língua, mas uma mostra de jovens tentando se ajustar a um padrão para não serem vistos de forma negativa.

A pesquisa também objetivou verificar se as crenças e avaliações que os estudantes possuem sobre a língua levam à ocorrência da insegurança linguística, especialmente entre estudantes de escolas públicas situadas na zona rural. Conforme já observado neste estudo, esse fenômeno pode ocorrer quando os alunos percebem que sua forma de falar é marcada por variantes vistas como "erradas" ou menos valorizadas. Isso faz com que muitos sintam vergonha, medo de errar e receio de participar das aulas, por temer serem corrigidos ou julgados. Diante dessa insegurança, a gente percebe que esses alunos ficam mais calados e participam menos das aulas, não por falta de capacidade, mas por influência das normas sociais linguísticas.

Neste trabalho, buscamos analisar a manifestação desse fenômeno, conforme mostra o gráfico 5. O gráfico revela que 90% dos estudantes que responderam o questionário, afirmam que já tiveram sua forma de falar corrigida em alguma situação, e 10% confirmaram que nunca passaram por essa situação. Com base nisso, percebemos que muitas das vezes os alunos se prendem para não ser

motivo de riso ou correção. Esse sentimento pode afetar a autoestima, silenciar pessoas e fazer muitos acreditarem que não são capazes apenas porque não falam da maneira que a escola considera ideal.

Gráfico 5 - Resposta dos estudantes à questão 14 “em alguma situação, alguém já corrigiu a sua forma de falar?”

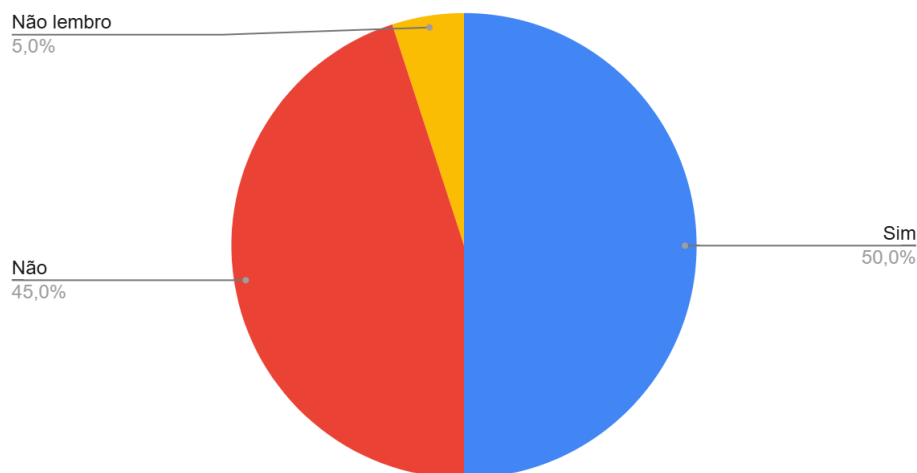


Fonte: elaborado pela autora (2025)

Além dessa questão, os alunos foram expostos à questão semelhante à anterior, mas relacionada à escola. As respostas do gráfico 6 mostram que 50% dos participantes afirmam já ter visto um professor ou funcionário da escola corrigindo a fala de um aluno ou colega por falar “incorretamente”. 45% dizem que nunca presenciaram essa situação e 5% que responderam disseram que não se lembram.

Gráfico 6 - Resposta dos estudantes à questão 9 “na escola, você já viu algum professor ou funcionário da escola dizendo que você ou algum colega não fala da maneira correta?”

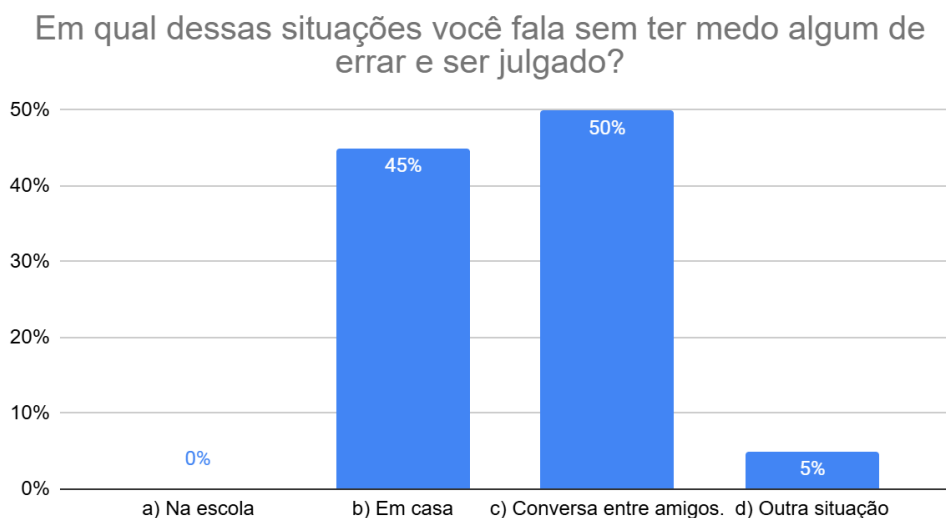
Na escola, você já viu algum professor ou funcionário da escola dizendo que você ou algum colega não fala da maneira correta?



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Para finalizar, questionou-se “em qual dessas situações você fala sem medo algum de errar e ser julgado?”. Os resultados mostram que 50% dos alunos disseram que em “conversa entre amigos”; 45% dizem que se sentem seguros de falar “em casa”, que é um espaço de acolhimento e 5% em outra situação. Nenhum dos alunos afirmou se sentir à vontade para falar na escola - o que pode ser um indício de insegurança e baixa autoestima em relação à sua própria maneira de falar em espaços que consideram mais monitorados e diante de pessoas que consideram falar “melhor” e “mais bonito”, conforme observado anteriormente.

Gráfico 7 - Resposta dos estudantes à questão 20 “em qual dessas situações você fala normalmente sem ter medo de errar e ser julgado?”



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Diante disso, compreende-se que os dados demonstram formação de atitudes pelos estudantes, que reagem favoravelmente (ou não) quando expostos a questões relacionadas à própria língua e possuem crenças enraizadas associadas às diferentes formas linguísticas. Além disso, mostra-se que as avaliações que os estudantes fazem sobre a língua podem indicar insegurança linguística, principalmente, em ambientes de maior monitoramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo de analisar as atitudes linguísticas demonstradas pelos estudantes do ensino fundamental de uma escola pública da zona rural de Caraúbas/RN, buscando compreender de que modo esses alunos avaliam as diferenças formas de falar presentes em seu contexto escolar e como essas avaliações se relacionam com o processos de valorização, preconceito e insegurança linguística. Com a análise dos dados coletados por meio de questionários, foi possível observar que a percepção dos estudantes sobre as variedades linguísticas ainda é fortemente atravessada por ideologias normativas, que colocam a norma padrão em posição de superioridade e legitimidade, em desvantagem das variedades populares e regionais.

Os resultados mostram que a maioria dos alunos associa o “falar certo” à variedade linguística considerada mais prestigiada, principalmente aquela

relacionada à mídia televisiva, aos professores e às pessoas que vivem nas cidades maiores. Essa descoberta revela o impacto das ideias sobre a linguagem que circulam pelo Brasil, que são sustentadas por fatores sociais, culturais e escolares, e fazem com que os estudantes internalizem esse padrão de língua como o único válido, conforme apontam autores como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005) e Freitag et al. (2016). Como consequência, eles tendem a julgar as variedades regionais, especialmente aquelas mais comuns em áreas rurais como erros, feiuras ou inadequação.

Outro aspecto relevante do estudo diz respeito à insegurança linguística, os dados revelaram que grande parte dos alunos já tiveram sua fala corrigida em contexto escolar, e que muitos presenciaram correções feitas por professores ou funcionários. Essa experiência recorrente de monitoramento e vigilância linguística contribui para que os estudantes sintam medo de errar, vergonha de sua variedade e evitem se expressar oralmente em sala de aula. Isso explica por que, segundo os dados, nenhum dos participantes afirmou sentir-se mais à vontade para falar na escola, mas apenas entre amigos ou dentro de casa, onde eles se sentem mais acolhidos e livres de julgamento. Esses dados reforçam o que a literatura denomina insegurança linguística de (Labov, 1999), fenômeno marcado pela percepção de inadequação e pela busca por adaptações ao falar prestigiado, mesmo que isso resulte em autocensura e apagamento identitário.

Conclui-se, portanto, que o presente estudo atinge seus objetivos ao evidenciar como atitudes linguísticas são construídas, mantidas e reproduzidas no ambiente escolar e ao revelar que tais atitudes possuem impactos concretos sobre a experiência dos estudantes. Entendemos que outras pesquisas podem ampliar o escopo em outro espaço e com maior amplitude de dados, dada a importância e a necessidade da discussão. Ademais, esperamos que este trabalho contribua para o fortalecimento de práticas docentes sensíveis à heterogeneidade linguística, bem como para o avanço de pesquisas que investiguem a relação entre língua, identidade e desigualdade social, especialmente em contextos rurais, que ainda constituem lacuna significativa na literatura sociolinguística brasileira.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. Traduzires, v. 1, n. 1, 2012.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico | Glossário Ceale. Disponível em: <<https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>>.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegemu na escola, e agora? São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. Signum: Estudos da Linguagem, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 102–131, 2015. DOI: 10.5433/2237-4876.2015v18n1p102. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- CALVET, L. J. Sociolinguística: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. Para conhecer sociolinguística. Editora Contexto, 2015.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thais Regina Conceição de; SOUSA, Valéria Santos. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos, [S.L.], p. 139-160, 4 ago. 2016. Editora Blucher. <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391466-07>.
- LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LUCCHESI, Dante. Língua e sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.
- PEREIRA, A. M. DOS S.; PAIM, M. M. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo de caso em comentários do Facebook. A Cor das Letras, v. 24, n. 3, p. 121–141, 4 abr. 2024.
- SENE, M. G. Os desvios ortográficos de redações escolares do Ensino Fundamental II: descrição, análise e atitudes linguísticas dos professores. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa
- SILVA, H. C. DA; AGUILERA, V. DE A. O PODER DE UMA DIFERENÇA: UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS. Alfa : Revista de Linguística (São José do Rio Preto), v. 58, n. 3, p. 703–723, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário utilizado para coleta de dados

Código do aluno: _____

Questões

1 Qual a sua idade?

2 Você mora perto da escola? Com quem você mora?

3 Onde você fala mais no dia a dia?

- ☐ Em casa
- ☐ Na escola
- ☐ Outro lugar

4 Você costuma conversar mais com adultos ou com colegas da sua idade?

5 Você acha que existe uma maneira correta de falar português?

6 Se você respondeu “sim”, por que acha que existe uma maneira correta de falar português?

7 Quando você acorda, a primeira coisa que costuma fazer é:

- a) Pegar o celular e ver as redes sociais
- b) Beber água
- c) Levantar e arrumar a cama
- d) Outra coisa

8 Você se considera uma pessoa:

- a) Divertida
- b) Tímida
- c) Tranquila
- d) Ansiosa

9 Na escola, você já viu algum professor ou funcionário da escola dizendo que você ou algum colega não fala da maneira correta?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não lembro.

10. Na escola, você prefere:

- a) Trabalhar em grupo
- b) Trabalhar sozinho(a)
- c) Depende da tarefa
- d) Não tem preferência

11. Quando está triste, você:

- a) Fica sozinho(a)
- b) Faz algo para distrair
- c) Chora
- d) Outra coisa

12. Você acha que algumas pessoas falam corretamente e outras falam de maneira errada? Se sim, quem são essas pessoas?

13. O que mais valoriza em uma amizade?

- a) Lealdade
- b) Sinceridade
- c) Companheirismo
- d) Paciência

14. Em alguma situação, alguém já corrigiu a sua forma de falar?

15. Qual ambiente você prefere?

- a) Lugar calmo e silencioso
- b) Lugar cheio de gente
- c) Lugar ao ar livre
- d) Lugar fechado e confortável

16. Você acha que existe uma maneira mais bonita de se falar? Se sim, quem fala de maneira bonita?

17. O que te deixa mais feliz no dia a dia?

- a) Momentos com amigos/família
- b) Conquistar algo importante
- c) Fazer algo que gosta
- d) Ter um tempo de descanso

18. Você considera alguma dessas frases mais certas que outras?

“Nós vamos dançar”

“Nós vai dançar”

“A gente vai dançar”

“A gente vamos dançar”

19. Quando alguém faz algo que te incomoda, você:

- a) Fala na hora
- b) Espera o momento certo
- c) Guarda pra si
- d) Se afasta da pessoa

20. Em qual dessas situações você fala normalmente sem ter medo de errar e ser julgado?

- a) Apresentação na escola.
- b) Em casa
- c) Conversa entre amigos.
- d) Outra situação

21. Você já viu alguém sendo zombado por falar “errado”?

22. No seu tempo livre, o que mais gosta de fazer?

- a) Assistir séries ou filmes
- b) Sair com amigos
- c) Ler ou estudar
- d) Dormir

23. É possível reconhecer alguém pela forma que ela fala? Exemplo: se a pessoa mora no sítio ou na cidade? Por que?

24. Você já ouviu falar sobre “Preconceito Linguístico”? Onde?

25. Quando está em um grupo, você:

- a) Puxa conversa
- b) Espera alguém falar com você
- c) Observa
- d) Sai se não conhece ninguém

26. Você já viu alguém afirmando que você ou algum colega fala de maneira errada? Se sim, o que ele disse?

27. O Português que você ouve entre os colegas, na televisão, na escola é o mesmo? Porque?

28. Comparando as falas das pessoas de sua região, existe quem fale melhor? Se sim, quem? Por quê?

29. Das opções abaixo, qual das formas você mais usa?

“Nós vamos dançar”

“Nós vai dançar”

“A gente vai dançar”

“A gente vamos dançar”